
A RECONQUISTA: O PASSADO E O PRESENTE PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA CRUZADA IBÉRICA.

THE RECONQUISTA: THE PAST AND PRESENT FOR BUILDING AN IBERIAN CRUSADE

Elvis Silveira Simões

Acadêmico do curso de História - Universidade Federal de Pelotas/UFPel
elvis.simoes@yahoo.com.br

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo discutir o processo histórico da formação guerreira na Península Ibérica, bem como a incorporação do espírito das cruzadas nos séculos XI e XII, durante o período conhecido como a Reconquista. Utilizando-se inicialmente do conceito de Longa Duração e Identidade, pretendem-se compreender na formação social dos séculos anteriores, as principais disputas que geraram uma cultura, cuja força estava ligada as conquistas guerreiras; e a importância da unificação religiosa na península. Com chegada e permanência secular muçulmana, o trabalho tem como objetivo analisar os conflitos que geraram a renegação cristã do outro, aquele que se tornou o usurpador do território de Deus, o inimigo da verdadeira fé. Posteriormente, se visará entender os fatores que conduziram a introdução e fortalecimento do pensamento de Cruzada, assim como a diferença neste formato ideal de Guerra Justa e como ele se apoiava nos princípios da Igreja. Sendo assim, a partir de uma bibliografia específica, pretende-se realizar a compreensão dos fenômenos ocorrentes antes e durante a Reconquista, e em conjunto com as fontes, se buscará compreender o pensamento medieval, do qual, por vezes, encontrava no passado, justificativas e demonstrações de um inimigo que vai contra os valores e ideais da única fé salvadora, a cristã.

PALAVRAS-CHAVE: Península Ibérica. Reconquista. Cruzadas.

ABSTRACT: The present study aims to discuss the historical process of warrior training in the Iberian Peninsula, as well as the embodiment of the spirit of the crusades in the eleventh and twelfth centuries, during the period known as the Reconquista. Initially using the concept of Long Term and Identity, it is intended to understand the social formation of previous centuries, the main disputes that generated a culture whose strength was linked martial conquest; and the importance of religious unification on the peninsula. With arrival and stay secular Muslim, the work aims to analyze the conflicts that led to the denial of another Christian, who became the usurper of the territory of God, the enemy of the true faith. Later, it will aim to understand the factors that led to the introduction and strengthening of thinking Crusade, as well as the difference in this ideal form of Just War and how it was based on the principles of the church. Therefore, from a specific bibliography is intended to make the understanding of the phenomena occurring before and during the Reconquista, and together with the sources, we will try to understand the medieval thought, which sometimes found in the past, justifications and statements of an enemy that goes against the values and ideals of the only saving faith, the Christian.

KEY WORD: Península Ibérica. Reconquest. Crusades.

Problematicando a guerra e o direito a justiça contra o transgressor: formação da mentalidade da Guerra Santa na Península Ibérica

Este é um tema extenso que pode ser explorado por diversos vieses, contudo aqui serão selecionados alguns dos elementos que julgamos mais significativos para essa pesquisa que tem em sua estrutura remontar o passado da formação social ibérica, na qual buscamos, dentro da estrutura de longa duração¹, a formação de uma mentalidade² guerreira/cristã, desta forma dando suporte para a introdução do pensamento cruzadista no movimento da Reconquista nos séculos XI e XII.

Como dito, identificamos, segundo a bibliografia analisada, nos acontecimentos do século XI e XII como o começo efetivo de uma Cruzada Ibérica³, o qual se gerou tanto por adventos próprios do período, que serão discutidos logo a diante, como oriundos dos séculos antecedentes, uma vez que o período anterior à chegada muçulmana trata-se de um momento conturbado para a formação da sociedade hispânica, bem como para a incorporação da cristandade no pensamento da cultura visigótica.

Quando pensamos nos primeiros séculos antecedentes as cruzadas, IX e X, percebemos que a Europa, sofrendo com uma nova onda de invasões bárbaras, as quais acabam por desorganizar e fragilizar a sociedade, se apresentava mais interligada com as pretensões religiosas de unificação social da Igreja, e ao mesmo tempo já se via, sob os tenhos conflitos contra os bárbaros, uma ótica religiosa motivadora

Frente a la amenaza del poder árabe, que ocupa a partir de 827 Sicilia y el sur de Italia, saquea las costas italianas y la Sabinia y en 846 llega a saquear Roma, los llamamientos reiterados de los sucesivos papas a los reyes francos —Lotario, Carlos el Calvo, Luis el Tartamudo— suponen un avance importante hacia la idea de una guerra santa cristiana; así por ejemplo León IV en 853: *El Omnipotente sabe que, si alguno de los vuestros muere, ha muerto por la verdad de la fe, la salvación de la patria y la defensa de los*

¹ A Longa Duração é o conceito que trata das permanências, é onde podemos aprofundar os estudos nas estruturas sociais que não se desfazem rapidamente, mas sim que se matem frente às mudanças. Segundo Braudel “[...] situa-se uma história de fôlego ainda mais contido e, neste caso, de amplitude secular: trata-se da história de longa, e mesmo de muito longa, duração.” (1990, p.10).

² Entende-se mentalidade, segundo Franco Jr “[...] mentalidade é o conjunto de fundamentos psíquicos, inconscientes e coletivos, presente em todos os indivíduos de uma dada sociedade, e que se expressa, por isso, de acordo com seu tempo, ganhando então uma dinâmica histórica que a transforma, ainda que muito lentamente.” (1990, p.39).

³ Uma vez que possuía todos os elementos, dos quais abordaremos logo mais.

*cristianos*²⁵⁹; o más tarde, Juan VIII en 878: *Aquellos que caigan en el campo de batalla, teniendo en ellos el amor de la religión católica, entrarán en El descanso de la vida eterna combatiendo valientemente contra los paganos y los infieles.* (RAMOS, 2012, p.50-51)

A partir desta compreensão tomamos como referencia três personagens, que anterior às cruzadas, tiveram grande importância para a difusão do pensamento cristão, possibilitando a união entre a sociedade e a Igreja na Europa. Carlos Magno, sem dúvida foi um dos grandes, e possivelmente, personagem histórico medieval mais abordado pela historiográfica, uma vez que é citado como um dos responsáveis por essa propagação do cristianismo

La consolidación política carolingia y su estrecha alianza con el Papado van a implicar por lavía de los hechos una legitimación religiosa para las guerras que los carolingios llevan adelante contra los pueblos no cristianos que rodean al reino: ávaros y sajones en Europa central, musulmanes en la península ibérica. Es comprensible que en la perspectiva de los autores de la época, básicamente clérigos, Carlomagno sobre todo aparezca como campeón de la cristiandad em lucha contra los "infieles", dirigiendo continuas campañas militares con connotaciones fuertemente religiosas y un objetivo muy importante de conversión como parte del programa político. (RAMOS, 2012, p.49-50)

Obtendo grandiosas conquista em nome da Igreja, tornou-se um dos primeiros reis a conquistar um vasto território, chegando à Espanha. Expandiu os princípios religiosos pela Europa, através de sua visão expansionista militar/religiosa. Carlos Magno é citado na canção de gesta⁴, Canção de Rolando, onde é visto como um grande rei. Esta é uma importante fonte para o estudo deste trabalho, pois é correspondente ao século XII, nos permitindo assim ver a imagem que esta importante fonte histórica trás deste rei cristão. A ele é atribuído os valores de força e de bondade, e principalmente de um rei que lutava a partir dos interesses divinos. A fonte nos contribui para pensarmos nas relações conflitantes e de disputas que ocorreram na Espanha durante o século VIII, período ao qual se trata a gesta, retratando os grandes feitos deste importante rei, e ao mesmo tempo, pensa-lo junto ao século XII, período que foi escrito,

⁴ "Entende-se por Canção de Gesta um longo poema épico, em versos de oito, 10 ou 12 sílabas, reunidos em estrofes ou *laissez* de extensão desigual, cada uma delas terminando por assonância numa vogal, em vez de rima." (JONIN, 2005, p.4).

durante as cruzadas, como um meio de propagação⁵ e motivador/fortalecedor das virtudes pregadas pela Igreja⁶

De fato, no momento em que aparecia o primeiro exemplar do gênero, *A canção de Rolando*, por volta de 1100, completava-se a cristianização do cavaleiro feudal. A cerimônia de sua armação era clericalizada e ganhava peso de sacramento. Ele colocava-se a serviço de Deus, na luta contra o infiel e o injusto. A literatura criava um tipo ideal que a Igreja esperava ver concretizado nas Cruzadas: o herói tornava-se o correspondente laico do santo. (FRANCO Jr., 2001, p.155)

Por outro lado, vemos na Península Ibérica outros personagens que tiveram tamanha importância para dar início ao processo de unificação social. Leovigildo, segundo Rucquoi⁷, foi o primeiro rei visigodo a possuir um verdadeiro programa político expansionista/militar e religioso, como forma de unificação da sociedade. A pesar de não ter conseguido obter esta conquista por completo, seu reinado se tornou muito importante, pois: proporcionou a união de casamentos entre hispanos-romanos⁸ e visigodos, “fundindo” as principais elites que dariam as bases da sociedade medieval, ao mesmo tempo em que combateu os bárbaros e expandiu o território visigodo sob sua autoridade. Além do mais, a importância da introdução da religiosidade como unificadora da sociedade é um importante elemento que não cessa após sua morte, ao contrário, toma força com a nova religião que se seguiria.

Sendo assim, não conseguindo completar tal unificação, ela se dá posteriormente, com a conversão de Recaredo ao catolicismo. Observamos, portanto, a partir de então, estas pretensões de unificação social se acentuar na medida em que acontecia a queda do arianismo, o qual passou a ser gradativamente substituída pela incorporação da religião cristã nos assuntos quotidianos do reino. Embora não possamos falar de uma identidade cristã nestes primeiros momentos, podemos, a partir da bibliografia estudada, perceber que se trata dos primeiros passos que o cristianismo passa a dar dentro da sociedade visigoda, em busca da

⁵ “As canções de gesta são difundidas por artistas nômades, os jograis, nas peregrinações, aldeias, feiras, castelos ou quaisquer lugares onde haja aglomerações”. (JONIN, 2005, p.5)

⁶ “[...] o herói da gesta, nascido sob a égide do mundo cristão, é concebido à imagem de Deus e está sempre a serviço de uma causa a que se devotar – Deus, o rei –, ansioso por cumprir o seu dever.” (JONIN, 2005, p.5).

⁷ RUCQUOI, Adeline. História Medieval da Península Ibérica. Lisboa: Estampa, 1995

⁸ O que sem sombra de dúvidas contribuiu para a incorporação do cristianismo na sociedade, visto que ela havia se tornado a religião oficial do império Romano desde Constantino.

unificação social sob o comando dos pensamentos religiosos, os quais futuramente os identificaram como cristãos. Portanto, esta aproximação do poder Temporal e Espiritual é percebida na medida em que nos Concílios de Toledo havia sempre um representante religioso participando dos assuntos pertinentes à sociedade.

Esta participação nos assuntos sociais nos faz pensar no que Pedrero-Sánchez nos fala em seu livro, *História da Idade Média: Textos e Testemunhas*, sobre a relação entre poder temporal e espiritual, uma vez que no pensamento medieval esta divisão foi estabelecida por cristo, onde um precisa do outro. Contudo, o Pontífice é o mais digno nesta relação, uma vez que é ele quem presta contas ao divino, devendo assim as leis seculares ser sujeitas as eclesiásticas. A partir de então, a concepção guerreira, em um lento processo, passa a se submeter às concepções cristãs. Elemento que nos faz aplicar este pensamento entre os Ibéricos do século VII é o momento em que o rei passa a se tornar o protetor da fé cristã, pois ele passa a apresentar a função apresentada por Sánchez, na qual o poder secular expande o território e a religião. Portanto, ele se torna o meio pelo qual a Igreja passa se proteger e expandir. Este fator de protetor da fé que se cria junto aos visigodos, é fundamental para entender que durante o século XI e XII a noção de proteção dos ideais cristãos frente a um inimigo, não é um elemento novo, mas sim já pertencente à cultura ibérica visigótica.

O processo expansionista é anterior ao cristianismo, contudo ele foi justificado por ele, dando um sentido além do butim para as guerras e aquisições de territórios, assim como no combate aos bárbaros. Com o VIII concílio de Toledo, designa-se a função do rei, onde a partir deste momento, ele tornava-se o protetor da verdadeira e única fé. Sendo a Igreja quem confirmava o poder real, sacralizando a coroação. Isto legitimava as ações do rei, visto que elas tinham a intermediação da Igreja, a qual representava a autoridade divina na terra. Desta forma, ao passo que o reino visigodo se expandia, o cristianismo ganhava espaço com as construções de igrejas, monastérios, os quais serviam para cristianizar a população. Citamos aqui a título de exemplo o trabalho⁹ de Silva e Oliveira, no qual descrevem a vivência de um importante Santo Ibérico, Frutuoso, no século VII, assim como suas relações e pensamento do mundo cristão deste período. Neste trabalho, podemos perceber que o Santo possuía um

⁹ “Neste trabalho nos dedicaremos à análise da *Vita Sancti Fructuosi*, vida de santo produzida no noroeste hispânico, entre os anos de 670 e 680. Na referida narrativa são descritos episódios vividos por Frutuoso, personagem histórico, que fora monge, bispo de Dume e arcebispo de Braga”. (Silva; Oliveiras, 2011,p.156)

programa de expansão religiosa na península, além de nos indicar que a partir dos escritos analisados pelos autores, *Vita Sancti Fructuosi*, já se tratava de um contexto onde a Igreja via o mundo como um combate constante¹⁰.

Este processo inicial, anterior à chegada muçulmana no século VIII, foi de fundamental importância para a península, pois ao mesmo tempo em que o cristianismo se entrelaçava com a cultura Ibérica, fora dos Pirineus, à Igreja também fortalecia seu valor dentro da sociedade. Os clérigos, grande pensadores destes períodos antecedentes, pensaram a sociedade, contribuíram para seu desenvolvimento e transformação cultural. Tendo seus pensamentos servidos para além do momento, como base para os futuros desafios que se enfrentaria. Portanto, para esta pesquisa abordaremos o pensamento da Igreja sob a ideia de uma guerra justa, nos pensamentos de Santo Agostinho, fazendo um paralelo com a função do bom cristão presente na filosofia de Bernardo de Claraval e sua percepção de guerra.

Esta incorporação gradativa do cristianismo na sociedade nos faz pensar que ela proporcionou a formação de uma identidade, a qual via no outro um inimigo a ser combatido. Na península ibérica esse processo de luta contra os hereges estavam presentes nos Concílios de Toledo, no combate aos Judeus e heresias, e isto ocorria concomitante ao desenvolvimento das ideias cristãs no restante da Europa.

Desta forma, podemos começar a pensar no fato de que a sacralização dos guerreiros e dos princípios da guerra foi introduzida gradativamente na sociedade, mediante a incorporação do cristianismo no reino visigodo, durante os séculos iniciais da formação social da Península Ibérica. Sendo estas experiências fundamentais para compreendermos o pensamento de Cruzada que se seguiria nos séculos XI e XII¹¹, nesta região.

Motivo para uma Cruzada Ibérica: Compostela e os peregrinos no século XI e XII

¹⁰ “Este pensamento esteve arraigado no ideário medieval e a ele se vinculava a perspectiva de que a existência humana terrestre, longe de ser calma e tranqüila, assumia a dimensão de um campo de batalhas, no qual o cristão se mantinha em luta constante contra o Mal”. (Silva; Oliveira, 2011, p.160-161)

¹¹ Nossas fontes são correspondentes ao século XI e XII, portanto como nos diz Jonin (referente à La Chanson de Roland) "não se trata de um texto histórico, mas de uma reelaboração dos dados reais do século VIII a partir da ideologia e da vivência dos séculos XI e XII". (JONIN, 2005, p.7) Portanto, para além de uma análise do período tratado nas gestas, elas nos servem para pensar o período no qual elas foram escritas.

Com a retirada e reorganização cristã no norte peninsular, devido ao avanço Muçulmano, foi possível se estabelecer os princípios pelos quais se realizariam as guerras, sendo um deles a reconquista do reino, o qual havia sido usurpado pelos muçulmanos em 711. Todavia, é importante lembrar que muitos cristãos acabaram se incorporando a sociedade muçulmana em Al-Andaluz durante este momento, ou seja, em quanto no norte os outros lutavam para estabelecer as novas bases de um reinado forte. Com isto, os primeiros anos deste processo de reconquista territorial tiveram altos e baixos, havendo muitos ataques contra os cristãos do norte, e em Al-Andaluz, os cristãos tiveram relações cambiantes com a sociedade muçulmana, as quais, por vezes, acabaram por terminar em grandes conflitos, que levaram muitos cristãos a fugirem para o norte. Durante este processo cidades foram queimadas, os cristãos tiveram que pagar altas taxas e etc. Somente com a gradativa perda de força do reino muçulmano, principalmente após o fim do califado de Abderramão III, em 1031, os avanços cristãos se tornam mais significativos e eficientes em direção ao sul de Al-Andaluz. É neste momento, no século XI, que começamos a pensar no primeiro momento em que se inicia efetivamente uma Reconquista sob a ótica de Cruzada.

Já discutimos os motivos dos séculos iniciais que nos indicam a formação de uma sociedade cristã, porém isso não basta para concluir o advento das cruzadas no século XI e XII, na Península Ibérica. É preciso analisar os acontecimentos próprios do período que dão conta dos principais motivos que levam a Igreja a voltar seus olhos para a região. Entre tantos acontecimentos, destacamos para nosso estudo o advento da migração para a Compostela como um dos principais motivos que proporcionaram a formação de uma simples conquista territorial em uma disputa entre o bem e o mal.

Com os achados de uma das figuras mais importantes da cristandade, Santiago, é perceptível que o norte Ibérico passa a receber um grande fluxo de peregrinos. Durante o século XI, rivalizando em número de peregrinação com Jerusalém e Roma, a região da Compostela tornou-se um dos principais centros cristãos a ser protegido pela Igreja, devido a seu valor cultural para a sociedade.

Não nos ateremos muito na história de Santiago, contudo torna-se fundamental expor o motivo pelo qual podemos pensar o porquê a Igreja medieval lutou tanto para proteger a região da Compostela, qual o motivo pelo qual Santiago tornou-se um símbolo Ibérico e por que tantos peregrinavam em sua direção. Para tal explicação, recorreremos à fonte de Jacopo de

Varazze (1229-1298), sobre a Vida de Santos, contida no livro *Legenda Áurea*, traduzido por Franco Jr.

Chamava-se Tiago, Maior, assim como o outro é o Menor, por várias razões. Primeira, devido à vocação, tendo sido o primeiro a ser chamado por Cristo. Segunda, devido à familiaridade, já que Cristo teve mais intimidade com ele do que o outro, permitindo que tivesse acesso a segredos como a ressurreição de uma menina e a gloriosa Transfiguração. Terceira, devido ao martírio, no qual foi o primeiro dos apóstolos a morrer. E também pode ser chamado Maior por que antes do outro recebeu a graça do apostolado e a glória da eternidade. (FRANCO Jr., 2003, p.561-562).

Nesta mesma obra, também estão contidas diversas passagens correspondentes aos feitos redentores de Santiago, das quais citamos

Um certo homem, relata BEDA, tinha cometido diversas vezes um enorme pecado e por temer absolvê-lo em confissão o bispo mandou-o a Compostela com uma filha na qual estava escrito seu pecado. No dia da festa do santo, o homem colocou a folha sobre o altar e rogou a São Tiago que, por meio de seus méritos, apagasse o pecado. Mais tarde desdobrou a folha e encontrou tudo apagado. Deu graças a Deus e a São Tiago e anunciou o fato a todos. (FRANCO Jr., 2003, p.565).

Portanto imaginar a construção de uma Cruzada Ibérica, sem refletir a importância da peregrinação na Idade Média a Compostela, e conseqüentemente a relação de Santiago, como um dos mais importantes santos¹², que possibilita uma grande movimentação de indivíduos em direção a um dos principais centros cristãos de peregrinação, é esquecer que o movimento das cruzadas, além de buscar resgatar o povo cristão dos maus hereges e pecadores, também é uma peregrinação em si. A Cruzada servia também como elemento de purificação dos pecados. Portanto, assim como em Jerusalém, a Igreja buscou proteger os símbolos importantes da sua fé (neste caso o corpo de um dos principais santos), assim como os viajantes que se dirigiam para aquela região, buscando a remissão dos pecados. Este símbolo é essencial para a compreensão do processo de identidade, pois ele coloca a sociedade sob um mesmo elemento de valor em comum, ou seja, assim como afirma Kathryn Woodward em seu

¹² “Apenas com o crescente fluxo de peregrinos transpirenaicos a Compostela, Santiago passou a ser preponderantemente o santo guerreiro ibérico, o Matamoros”. (FRANCO Jr., 1990, p.53)

texto sobre identidade e diferença, podemos perceber que os símbolos marcam uma identidade (SILVA, 2012). Portanto, para a Igreja, a Compostela era um local que fortalecia o espírito cristão de proteção e fortalecimento cultural e territorial, e isto servia como um elemento justificador das ações guerreiras.

A península se tornou tão importante para a sociedade cristã europeia que o papa Alexandre II concede a indulgência para quem lá combatesse os muçulmanos, isto anterior as cruzadas orientais, demonstrando que o combate em favor dos assuntos divinos, contra os infiéis, se tornou tão grandioso nesta região

A igreja de Santiago em Compostela, no extremo noroeste da Espanha, era venerada desde o século X como suposto lugar de sepultamento de Tiago Maior, o primo-irmão humano de Jesus Cristo. As rotas para Santiago, ligadas nos séculos XI e XII por uma rede de hospedadas e casas religiosas, foram decisivas na disseminação de idéias culturais, religiosas e arquiteturas por toda a Europa cristã, na época das Cruzadas e da Reconquista da Espanha aos muçulmanos. (LOYN, 1997, p.779)

Por estes motivos não é estranho pensar em uma Cruzada na Península Ibérica no século XI, na verdade, segundo Costa, desde o século XI a guerra contra o infiel já era vista como uma Guerra Santa na concepção da Igreja. Podemos perceber que a partir do ano mil, com o auxílio da abadia de Cluny, é organizada uma ofensiva contra os muçulmanos¹³, a qual buscava garantir a segurança dos peregrinos que se dirigiam a Compostela.

A concentração do esforço de Sancho III no estabelecimento da hegemonia de Navarra no norte, às custas do prosseguimento da Reconquista contra uma Córdova em rápido declínio, igualou-se às suas atitudes ideológicas e culturais: introduziu a reforma cluniacense em alguns dos principais mosteiros, incentivou as peregrinações a Santiago de Compostela [...] (LOYN. 1997, p.778)

¹³ A partir deste auxílio de Cluny, percebemos que o apoio aos cristãos Ibéricos não cessaram. Acreditamos que este seja um dos elementos que nos permitem tratar do termo Cruzada no século XI, junto a Reconquista. Adeline Rucquoi nos lembra de que em 1085 há o resgate da antiga capital visigoda, Toledo, constituindo uma grande conquista para os cristãos. Pode-se dizer que o avanço deste período, o qual contou com cristãos do norte dos Pirineus, é outro elemento fortalecedor da Cruzada Ibérica.

Por conta da peregrinação que se acentuou nos séculos XI, e ao mesmo tempo com o fim da unificação dos reinos muçulmanos, foi possível, com o apoio da Igreja, uma forte penetração no território de Al-Andaluz, motivada pela proteção dos cristãos, bem como pelo resgate de um território que era pertencente aos domínios visigodos. A Igreja contribuiu grandiosamente para reconquistar a Espanha ao poder divino.

Como já havíamos analisado anteriormente, a Igreja já estava ligada a cultura visigoda, a qual estes reis buscavam restabelecer o reino. Portanto é possível imaginar que ao mesmo tempo em que ela conduzia a guerra contra o infiel em uma concepção sacra, a sociedade também a assimilava como tal, visto as lutas dos séculos anteriores que já conduziram a uma identidade social cristã. A religião foi um dos fatores muito importantes para a unificação e a formação da identidade, pois sob ela se residiam os princípios ideológicos, dos quais entre eles estavam à luta contra as heresias e inimigos da verdadeira fé¹⁴. Neste caso, retomamos o exemplo dos Judeus, os quais se tornaram um destes inimigos, opositores das virtudes cristã, e como já citado, representaram um mal a ser eliminado. Todavia, é importante salientar que estas relações contra, tanto Judeus, como muçulmanos, nem sempre foram somente conflitantes, havendo, portanto, alianças e acordos. Portanto, durante todo o período de conflito, principalmente durante estes séculos, as relações entre cristãos e muçulmanos foram ambíguas, em El CID, percebemos inclusive que os laços vassalicos se estenderam junto aos “inimigos”.

Compreendendo estas relações e a importância da Península Ibérica, não somente aos hispânicos, mas também para o restante da Europa, percebemos que o auxílio papal de Urbano II, que pediu aos peregrinos que se dirigiam à Palestina para que lutassem na Espanha, é perfeitamente entendido, uma vez que ambos os locais eram de grande valor simbólico para Igreja. Os mesmos direitos de indulgência e de privilégios para os que combatiam no exterior foram concedidos para aqueles que se dirigissem em apoio dos Ibéricos, e este fator contribuiu para o apoio dado por aqueles que rumavam em direção a Jerusalém, durante a Segunda Cruzada, contribuindo imensamente para o desenvolvimento do pensamento cruzadista na península.

¹⁴ Na medida em que o cristianismo passa a ser aceito na sociedade visigoda, sua ideologia contribuiu para a formação de uma identidade, pois segundo Costa, acerca de ideologia, "Ela permite ao grupo criar uma identidade comum que coordena suas ações fazendo-o agir coletivamente" (1995, p.36).

A importância dos Santos na formação do pensamento do bom guerreiro: Santo Agostinho e Bernardo de Claraval

Desde o princípio do cristianismo a ideia de união entre guerra e religião foi um problema. Contudo, a Igreja apropriou-se tão logo da função de estabelecer “parâmetros” para que a guerra pudesse acontecer de forma que fosse positiva para sociedade, ou seja, conforme seus valores. Durante todo o período medieval, esta preocupação sempre esteve presente junto ao discurso de diversos Clérigos, principalmente durante os períodos de guerras.

Desta forma, trabalharemos sob a ótica de Santo Agostinho, o qual conceitua a noção de Guerra Justa, em conjuntamente com a visão de Bernardo de Claraval, de como seria um bom cristão e como o mesmo deveria executar a guerra. Desta forma, poderemos imaginar como um bom guerreiro deveria agir, segundo o ponto de vista da execução de uma guerra divinamente aprovada.

A Igreja sempre foi crucial para justificativa do exercício guerreiro, portanto cabe-nos fazer uma análise prévia do pensamento de seus formadores¹⁵. Para que desta forma possamos compreender que seguir as normas da desta instituição era seguir as normas divinas, e somente assim poderiam, mesmo através da violência, alcançar o Paraíso.

A partir do texto, Virtudes e vícios dos cavaleiros n’ *A Demanda do Santo Graal*, de Zierer, podemos ver como o mal e violência da guerra poderia ser superada de forma que se tornasse benéfica a sociedade

Santo Agostinho definiu como o cristão deveria engajar-se na guerra, com objetivos de lutar contra a injustiça e impedir a violência contra os fracos, o que fazia dela um “mal menor”. A “guerra justa” (*belum justum*) teria três elementos: 1-ser defensiva e reparar uma injustiça; 2-ser declarada por autoridade reconhecida; 3-restaurar a paz pela justiça. (ZIERER S, 2009. p.38)

Santo Agostinho foi um dos primeiros clérigos a discutir a guerra sob uma perspectiva religioso-cristã, e seus pensamentos transcenderam seu tempo e formaram à base para a

¹⁵ Segundo... em El CID, a igreja é a representação de cristo na terra, e as igrejas, monastérios, catedrais são testemunhas da sua condição universal

justificativa de guerra nas cruzadas, ou seja, tornando-a não um ato de violência em si, o que seria contrário às virtudes cristãs, mas sim uma tentativa de restabelecer a paz, a qual os únicos que poderiam a oferecer eram os cristãos.

A partir da invasão muçulmana, podemos identificar todos os elementos para uma guerra santa, pois segundo o pensamento de Agostinho ela deveria: ser defensiva e reparar uma injustiça, quando percebemos que dos cristãos foram retirados seus território e a eles eram cobradas altas taxas de impostos, assim como a exemplos das cidades sitiadas, saqueadas e queimadas¹⁶; ser declarada por uma autoridade reconhecida, lembramos Sancho III que busca o apoio de uma das mais importantes abadias da Idade Média, assim como o fato de que o próprio Pontífice concede a indulgência para os que combatessem os muçulmanos na Espanha; restaurar a paz pela justiça, se torna evidente quando percebemos que o território já era pertencente ao cristianismo e o próprio movimento de reconquista foi autorizado pelo símbolo representante máximo da Igreja, o Papa. Desta forma, observamos que dentro do pensamento conceitual de Guerra Santa, os acontecimentos seguidos da invasão bárbara e o ato de pedido de apoio para a Igreja, da suporte para compreendermos o movimento da Reconquista, não apenas como uma simples guerra.

Durante o século XII, percebemos que em Bernardo¹⁷ de Claraval o pensamento de Guerra Santa estava presente à visão de Santo Agostinho

O ideal das Cruzadas tornou o cavaleiro um *miles christi* (cavaleiro de Cristo), que lutaria contra os muçulmanos em nome da fé cristã e por isso teria seus pecados perdoados em caso de morte. De acordo com São Bernardo no século XII, a luta contra os muçulmanos deixa de ser um *homicidium* (morte de um homem) e se tornava um *malicidium* (eliminação de um mal)¹⁰. Assim, a Cruzada tornou-se tanto uma guerra justa, na esteira de Santo Agostinho, como uma guerra santa, no pensamento de São Bernardo. (ZIERER S, 2009, p.39)

Para São Bernardo, os Cavaleiros de Cristo são vingadores de cristo, os quais defende a virtude dos bons frente aos maus, sendo assim “a morte que se dá ou recebe por amor de

¹⁶ Rucquoi nos lembra de que com a chegada Almoravida, os cristão “tinham desde então perante eles não já os reis muçulmanos dos reinos de *taifas*, mas os <<aliados>> da África do Norte, aliados intransigentes que pretendiam devolver ao Islão espanhol tanto o seu espaço geográfico como a ortodoxia doutrinal e moral que ele tinha perdido”. (1995, p.169).

¹⁷ Para Bernardo “Agostinho é o vigorosíssimo martelo dos hereges” (FRANCO Jr., 2003, 719).

Cristo, longe de ser criminosa, é digna de muita glória” (FRANCO Jr., 2001, p.101). Para Bernardo, o amor a Deus era o principal, pois somente ele conduzia o bom cristão. De acordo com COSTA¹⁸, no pensamento de Bernardo, o verdadeiro amor que reconhece o certo do errado, só nasce do coração puro e de fé sincera, portanto daquele que não busca seu interesse individual. Desta forma, se crê que combater em nome de cristo era das formas de abnegação de si, pois estes se colocavam para longe de seus entes e enfrente a adversidade, na busca de devolver o que é pertencente a Deus. Percebemos que em Agostinho também há a noção da abnegação “Duas cidades – ele diz ali – construída por dois amores, o amor a si mesmo levando ao desprezo de Deus construiu a cidade do diabo, o amor a Deus levando ao desprezo de si mesmo construiu a cidade de Deus” (FRANCO Jr, 2003, p.716).

De fato, as cruzadas, pelos exércitos, não foram vistas apenas do ponto de vista espiritual, pois o butim contribuía para manter a conjuntura social, bem como os equipamentos de guerra, e como retribuição dos seus gastos, contudo é difícil acreditar que em uma sociedade baseada em uma cosmologia espiritual, a visão destes influêntes personagens não se fizeram presentes, em conjunto com as pretensões de bens terrenos que a guerra proporcionaria. Contudo, São Bernardo, em sua forma de pensar, diz que a busca de bens terrenos não era a forma correta de encontrar a Deus “A alma, purificada pelo combate aos vícios, era, por excelência, o lugar para se projetar em direção a Deus. Quando voltasse completamente para si, a alma descobriria a Verdade [...]” (COSTA, 2008, p.105). Desta forma, mais uma vez destacamos que as Cruzadas se tornaram uma Guerra Santa na medida em que seus guerreiros buscavam a contemplação divina em forma de peregrinação, e combatendo o inimigo, restabelecer não somente o que é do poder temporal, mas sob o comando aglutinador da Igreja, lutando por aquilo que pertence à ordem divina.

Em ambos os pensadores o principal motivo que justificava a ação guerreira, não era a guerra pela guerra, mas sim pela causa nobre que se justificava no fato deque os guerreiros de Deus lutavam por ele e pelo bem e paz da sociedade. Ambos condenavam a guerra que visasse à cobiça e ganâncias mundanas. Ela tinha que ser pura e vir em favor da justiça e do bem comum, pois somente assim ela estaria de acordo com os preceitos divinos, e assim os guerreiros alcançariam a remissão de seus pecados.

¹⁸ COSTA, 2011, p.3

A Guerra Santa como uma representação da justiça divina

Como já discutimos, a guerra fazia parte de um sistema socialmente aceito na Idade Média, o qual a Igreja se apropriou e buscou transformá-la. Esta resignificação das atitudes guerreiras se fez presente ao longo de todo o período medieval, desde as primeiras invasões, tanto com a coroação do rei, que passou a ter seu poder legitimado e devia lutar em favor das virtudes cristãs, bem como na incorporação do espírito religioso junto ao conjunto social e guerreiro

Concomitante, ocorria a propagação do pensamento cristão sobre a população européia, e a Igreja Católica formulou para esses guerreiros novos códigos de conduta através dos quais eles podiam continuar sendo guerreiros e ainda chegarem ao paraíso. (FERRARESE, 2011, p.2459)

Percebemos isto, principalmente junto à Cavalaria, que se torna uma das principais forças guerreiras de ataque durante as Cruzadas, e que tinham em seus princípios os valores cristãos de bondade, piedade, honra e de lutar em nome de Deus. Tais valores andavam em conjunto aos de lealdade, força e coragem, que se viam anteriores a cristianização da cavalaria, sendo uma herança germânica que se preservou desde suas origens¹⁹.

Quando observamos, a partir de nosso estudo, que os elementos guerreiros se fundiram a ideologia cristã, nos demonstra que de fato durante o século XI a função de cavaleiro cristão já estava enraizada no pensamento social.

Sabendo que nossas fontes, representam os séculos XI e XII, uma vez que foram escritas posteriores a seus acontecimentos (embora El Cid esteja mais próxima do ocorrido) e Santo Agostinho e Bernardo de Claraval tiveram grande importância na justificativa de como a guerra poderia se tornar santa, podemos pensar os motivos pelos quais a guerra se tornava como uma extensão do interesse de Deus na terra.

Como já dissemos, para Agostinho, a guerra era um mal necessário, ou seja, aceitável mediante alguns termos e situações. E assim como em Bernardo de Claraval, a guerra não deveria ser praticada para si, mas sim em benefício do próximo, contribuindo para o bem e a paz. Segundo COSTA, São Bernardo considerava que Deus é

¹⁹ FERRARESE, 2011, p.2460

O castigo dos perversos e a glória dos humildes. Como a retidão divina e intolerante, tudo o que é inchado e distorcido se conturba contra Ele. Não há castigo maior do que rechaçar o que jamais poderá ser evitado. Deus e perverso para com os pervertidos: o reto e o depravado nunca poderão pôr-se de acordo – e é muito duro recalcitrar contra o aguilhão. Deus e o castigo dos torpes porque é Luz. (COSTA, 2010, p.7)

Desta forma, compreendemos que na Península Ibérica se reuniam os elementos para que esta guerra viesse ao interesse da Igreja, para apoiar-la e justificá-la como uma investida contra os inimigos. As Cruzadas se tornaram um fenômeno tão santificado que, ao mesmo tempo em que a Igreja combateu durante todo o período medieval a inserção de clérigos nas guerras, vemos que durante as Cruzadas estes indivíduos participaram ativamente destas incursões, gerando as ordens militares. Na península, diversas ordens militares foram criadas, próprias de seu território, ou seja, os próprios monges estavam engajados no combate aos infiéis, tanto no oriente como no ocidente Ibérico. Na *Legenda Áurea*, vemos em um dos milagres de Santiago²⁰, como ele ajuda um cristão a se livrar dos Sarracenos

Certa feita foi aprisionado por sarracenos no mar da Sicília e vendido diversas vezes, mas sempre as correntes que o prendiam se quebravam. Na décima terceira vez em que foi vendido, colocaram-no sob correntes duplas, mas ele invocou São Tiago, que lhe apareceu e disse: ‘Quando em minha igreja você fez seu pedido, privilegiou a libertação do corpo à salvação da alma, e por isso passou por todos esses perigos. Mas o senhor é misericordioso e me enviou para redimi-lo’. No mesmo momento as cadeias romperam-se e até alcançar sua região o homem atravessou terras e castelos dos sarracenos levando partes de suas correntes como testemunhas do milagre, que todos viram estupefatos. (FRANCO Jr, 2003, p.569)

Por fim, proteger os bens da Igreja, a qual atuava como representando do divino na terra, era um dever. Combater sob as perspectivas religiosas da Igreja, era como lutar sob o comando do próprio Deus. Desta forma, as atividades guerreiras ibéricas, que estavam sob o

²⁰ Embora a passagem não seja diretamente ligada as atitudes dos Sarracenos, e sim ao pedido do cidadão de Barcelona em 1100, podemos perceber que segundo o pedido de não ser mais capturado pelos inimigos, o mesmo a pesar de acontecer, as correntes sempre se quebravam.

comando da Igreja, e obtinham os principais elementos para justifica-las sob uma ótica santa, se tornam mais uma das extensões das Cruzadas.

Conclusão

A guerra na idade média faz parte de um sistema socialmente aceito, do qual a religião cristã se apropriou e buscou conduzir ao longo do período. Sua presença se fez fortemente entre os ibéricos, e com a conversão de Recaredo ao cristianismo, ela se fez presente junto ao reino Visigodo, transformando-o e moldando seus valores. Este período contribuiu para inserir as concepções religiosas cristãs da Igreja, e este fator possibilitou a realização das cruzadas durante os séculos XI e XII. Sabendo que a religiosidade sempre esteve presente junto a Reconquista, percebemos que as justificativas encontradas nos séculos XI e XII, dão suporte para entender a Reconquista como uma própria Cruzada Ibérica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BLOCH, Marc. **A sociedade feudal**. Lisboa: Edições 70, 1987

BRAUDEL, Fernand. **História e Ciências Sociais**. 6. ed. Lisboa: Presença, 1990

CARDINI, Franco. O guerreiro e o cavaleiro. In: LE GOFF, Jacques. **O Homem Medieval**. Lisboa: Editorial Presença, 1989. Disponível em: <http://minhateca.com.br/Martinho.Guedes/Documentos/Hist*c3*b3ria+Medieval/Le+Goff+-+O+Homem+Medieval,7161983.pdf> Acessado em: 05 jul. 2014

COSTA, Ricardo da. **A guerra na Idade Média: um estudo da mentalidade de cruzada na Península Ibérica**. Rio de Janeiro: Edições Paratodos, 1998.

COSTA, Ricardo da. O que é Deus? Considerações sobre os atributos divinos no tratado Da Consideração (1149-1152), de São Bernardo de Claraval. In: **Revista Coletânea. Revista de Filosofia e Teologia da Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Editora Lumen Christi, Ano IX, fasc. 18, 2010, p. 223-238 - Disponível em: <<http://www.ricardocosta.com/artigo/o-que-e-deus-consideracoes-sobre-os-atributos-divinos-no-tratado-da-consideracao-1149-1152-de>> Acessado em: 05 jul. 2014.

COSTA, Ricardo da. “O verdadeiro amor nasce de um coração puro, de uma consciência boa e de uma fé sincera, e ama o bem do próximo como se fosse o seu” A mística de São Bernardo

de Claraval. In: COSTA, Marcos Roberto Nunes (org.). **A Experiência humana do divino.** Perspectiva Filosófica Recife, v. I, n. 35, 2011, p. 125-140.

COSTA, Ricardo da. A transcendência acima da imanência: a Alma na mística de São Bernardo de Claraval (1090-1153). In: **COLÓQUIO DE FILOSOFIA DA RELIGIÃO** 2008. Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro. **Anais:** Anales del Seminario de Historia de la Filosofía. Rio de Janeiro, 2008. p.97-105

DUBY, Georges. **A Sociedade Cavaleiresca.** São Paulo: Martins Fontes, 1989.

ESTRADA, Francisco López. **Poema Del CID.** Castalia, 1955.

FRANCO JUNIOR, Hilário. **A Idade Média:** Nascimento do Ocidente. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2001. Disponível em: <http://www.letras.ufrj.br/veralima/historia_arte/Hilario-Franco-Jr-A-Idade-Media-PDF.pdf> Acessado em: 05 jul. 2014

FRANCO JUNIOR, Hilário. **As Cruzadas.** 5.ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

FRANCO JUNIOR, Hilário. **Legenda Áurea:** Vidas de Santos. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

FRANCO JUNIOR, Hilário. **Peregrinos, Monges e Guerreiros:** Feudo-clericalismo e religiosidade em Castela medieval. São Paulo: HUCITEC, 1990.

FERRARESE, Lúcio. A Transformação da Cavalaria na Idade Média: de Grupo Militar para Grupo Social Dirigente. In: **V CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA.** 2011. Disponível em: <<http://www.cih.uem.br/anais/2011/trabalhos/76.pdf>> Acesso em: 28, jun. 2014

JARDIM, Rejane Barreto. **Ave Maria, ave senhoras de todas as graças! Um estudo do feminino na perspectiva das relações de gênero na Castela do século XIII.** 2006. 236f. Tese de Doutorado (Programa de Pós-Graduação em História) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006. Disponível em: <http://tede.pucrs.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=347> Acessado em: 05 jul. 2014

JONIN, Pierre. **La Chanson de Roland.** Folio, 2005.

LE GOFF, Jacques, SCHMITT, Jean-Claude. **Dicionário temático do ocidente medieval.** São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, Bauru: EDUSC, 2002. P.473-487

LE GOFF, Jacques. **Uma Longa Idade Média.** 2ª. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

LOYN, Henry R. **Dicionário da Idade Média**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997. Disponível em: <
http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=5&ved=0CEMQFjAE&url=http%3A%2F%2Fxa.yimg.com%2Fkq%2Fgroups%2F18176607%2F49190548%2Fname%2FDicion%25C3%25A1rio%2Bda%2BIdade%2BM%25C3%25A9dia%2B-%2BH.%2BR.%2BLoyn.pdf&ei=sku4U6aGE8i3sASw_4CYBw&usg=AFQjCNGKucVcbDn pmqH5otwJY8WyZ6-fLA&sig2=zP_Ve_FfjeE1eOOVC78z6g> Acesso em: 05 jul. 2014

MIRANDA, Luiz Francisco Albuquerque de. Historiografia ilustrada e a interpretação das Cruzadas. In: **Simpósio Nacional de História**, 23., 2005, Londrina. Anais do XXIII Simpósio Nacional de História – História: guerra e paz. Londrina: ANPUH, 2005. CD-ROM. Disponível em > <http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S23.0620.pdf>> Acesso em: 28, Jun. 2014

PEDRERO-SÁNCHEZ, Maria. **História da Idade Média: Textos e testemunhos**. São Paulo: UNESP, 2000.

QUESADA, Miguel. **La formación medieval de España: Territórios, regiões, reinos**. Madrid: Alianza Editorial, 2004.

RAMOS, Aurelio. **Bernardo de Claraval y la guerra santa**. Tese de Doutorado. Facultad de Filosofia y Letras Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires. 2012. Disponível em > https://www.academia.edu/2002364/Bernardo_de_Claraval_y_la_idea_de_guerra_santa> acesso em: 30 jun. 2014

RUCQUOI, Adeline. **História Medieval da Península Ibérica**. Lisboa: Estampa, 1995

SALLES, Bruno. **A conquista do Paraíso se faz pela guerra: São Bernardo de Claraval e sua concepção acerca da luta e da cavalaria (1090-1153)**. 2008. Dissertação (Mestrado em História e Culturas Política). FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS, UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BELO HORIZONTE, 2008. Disponível em: < <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/VCSA-8FVJ96>> Acesso em: 05 jul. 2014

SALES, Oneas. **Cruzadas**. Disponível em > <http://institutoibet.com.br/Cruzadas-%20Artigo.pdf>> Acesso em: 28, jun. 2014

SILVA, Leila Rodrigues da, OLIVEIRA, Alex da Silveira de. O diabo na Vita Sancti Frutuosi. **NOTANDUM (USP)**. v. 27.p. 155-170, 2011.

VILAR, Pierre. **História de España**. 3.ed. Barcelona: Crítica, 2003.

VOVELLE, Michel. A história e a longa duração. In: Le Goff, Jacques; Chartier, Roger; Ravel, Jacques. **A história nova**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998, p. 65-96

WOODWARD, Kathryn. Identidade e Diferença: Uma introdução teórica e conceitual. In SILVA, Tomaz Tadeu. Identidade da Diferença: **A Perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 7-72.

ZIERER, Adriana. Virtudes e vícios dos cavaleiros n' *A Demanda do Santo Graal*. In: Lênia Márcia Mongelli. (Org.). **De Cavaleiros e Cavalarias**. Por terras de Europa e Américas. 1.ed.São Paulo: Humanitas, 2012, v., p. 37-47. Disponível em ><http://editora.fflch.usp.br/sites/editora.fflch.usp.br/files/37-47.pdf>> Acesso em: 26 jun.2014